

ARTIGO 1

TRADIÇÕES DE ISRAEL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS
PRESSUPOSTOS VETEROTESTAMENTÁRIOS DA
ALTA CRÍTICA

Fabiano QUEIROZ*

RESUMO: O ponto central deste artigo é que a teoria de transmissão e compilação do Pentateuco formulada pela hipótese documentária como um método científico, provou-se ser não científico a medida que as descobertas evoluíram e o método se manteve inalterado quanto à algumas antigas proposições. Até o surgimento do racionalismo a igreja cristã teve poucos oponentes que colocassem em dúvida a autoria Mosaica para o Pentateuco, até que o racionalismo criou um ambiente acadêmico eivado de ceticismo e a necessidade de comprovação científica de fatos históricos por meio da historiografia, o resultado foi a rejeição do sobrenatural. Este

* O autor é ministro presbiteriano, pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR) e Faculdade Presbiteriana Sul-Brasileira (FATESUL); contato: revfabianoqueiroz@gmail.com

trabalho consiste em compreender algumas das proposições formuladas por Johann Philipp Gabler, Julius Wellhausen e G. Von Rad quanto a importância do Antigo Testamento e a influência tardia da tradição de Israel na transmissão e compilação do Pentateuco. O ponto de partida é a compreensão da existência de uma tradição oral até o início dos primeiros registros, passando por algumas das proposições da hipótese documentária e chegando a uma resposta ortodoxa e científica à tais proposições. Por fim, o resultado desta pesquisa indica que os pressupostos da hipótese documentária se firmam sobre bases pouco sólidas e nem tanto científicas como queriam seus principais proponentes, pois adotar os fatos científicos implicaria em uma mudança radical das proposições iniciais. O artigo termina propondo a autoria Mosaica para o Pentateuco com base em evidências internas e externas à própria Escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Alta Crítica; Hipótese Documentária; Tradição de Israel; Philipp Gabler, Julius Wellhausen; G. Von Rad.

INTRODUÇÃO

O ápice deste artigo é demonstrar que a teoria de transmissão e compilação do Pentateuco formulada pela hipótese documentária como um método científico, provou-se ser não científico a medida que novas descobertas

arqueológicas se avolumaram e a Escola da hipótese documentária se manteve silente quanto a algumas de suas antigas proposições, as mais importantes eram contrárias a autoria Mosaica para o Pentateuco. A implicação mais básica desta atitude antiética dos adeptos da hipótese documentária faz com que as primeiras proposições formuladas continuem a ser disseminadas e utilizadas em muitos seminários no Brasil e por pastores que não acompanham a evolução dos estudos da arqueologia em comparação com as antigas formulações.

Leon-Dufour (1977, p.1037) afirma que a existência de uma tradição é fato comum a todas as sociedades e que envolve a transmissão de artes, ideias, costumes, culto, etc. entre as gerações de forma oral ou escrita, sendo que as tradições relacionadas com pessoas, lugares, ritos, orações, hinos, formas de culto e oráculos são transmitidas com um cuidado especial. Neste aspecto, portanto, não deve haver dúvidas de que houve em Israel transmissão de um depósito sagrado pela oralidade, portanto, tradição. Van Engen, afirma que até mesmo os protestantes, por mais inclinados que estejam ao contrário, devem reconhecer que a tradição de um depósito sagrado antecedeu a formação do cânon das Escrituras e contribuiu para a sua formação (ELWELL, 1984, p.546). Este reconhecimento não afeta a inspiração da Sagrada Escritura.

Em termos simples, da perspectiva ortodoxa reformada não se nega que houve uma transmissão destes depósitos sagrados oralmente, porém, eles seguem até o ponto em que foram registrados por Moisés enquanto inspirado pelo Espírito. É assim que a tradição bíblica, por influxo do Espírito no curso do tempo, pouco a pouco se cristaliza nas Escrituras Sagradas e fornecem ao povo de Deus a regra divina de fé e prática. A Confissão de Fé de Westminster pode ser esclarecedora neste momento, quando afirma que Deus primeiro se revelou, e depois, para preservação desta revelação o registro escrito veio a existência uma vez que os antigos modos de revelação cessaram, observe:

[...] por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna indispensável a Escritura Sagrada, tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo (HODGE, 2013, p.49).

Quais são estes antigos modos de revelação de Deus ao seu povo? Hodge (2013, p.54) alista alguns destes métodos de transmissão da revelação como teofanias, sonhos, visões e

inspiração profética e que esta revelação se difundiu e perpetuou por meio da tradição. Berkhof (2012, p.142) diz que se esta é uma revelação pré-mosaica, então, ela passou como tradição oral ou escrita pelas gerações até o registro Mosaico. A Escritura afirma que “Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas nestes últimos dias, nos falou pelo filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo” (Hebreus 1.1,2 - NAA). O termo [τοις πατράσιν - aos pais] na afirmação deste apóstolo incluem inegavelmente, Abraão, Isaque, Jacó, Noé e tantos outros predecessores destes aos quais Deus se revelava. Assim, a própria Escritura pressupõe a existência d’um processo de transmissão oral da revelação e negá-lo, seria negar a própria Escritura.

A afirmação ortodoxa, portanto, afirma que houve a transmissão oral da revelação, bem como houve uma inspiração do Espírito no registro, o que não permitiu discrepância entre fato histórico e o registro posterior. Aqui está o ponto de tensão entre a ortodoxia e os adeptos da hipótese documentária, a transmissão dos fatos e a sua escrita posterior. Para os adeptos desta Escola, fatos e registros não estão em consonância. Portanto, é necessário remover do texto sagrado o que não está comprovado pela ciência historiográfica.

Seria possível uma reconstrução sólida desta divisão entre tradição e registro da história de Israel proposta pelos adeptos da hipótese documentária?

1. A TEORIA CRÍTICA DO ANTIGO TESTAMENTO

Os proponentes mais notórios de uma distinção entre tradição e o registro da história de Israel são, Johann Philipp Gabler (1787) em uma forma embrionária. Julius Wellhausen (1878) já mais desenvolvida com a Hipótese Documentária e G. Von Rad em sua Teologia do Antigo Testamento. Wellhausen deve figurar neste artigo como um representante da Escola de Hipótese Documentária. Sob influência do racionalismo eles avaliavam o Antigo Testamento de uma perspectiva científica em seu desenvolvimento histórico e não como revelação divina (ENNS, 2014, pg.29), o Antigo Testamento é considerado por estes representantes da hipótese documentária como um produto do gênio humano (ARCHER, 1986, p.10).

A teoria postulada por Gabler é:

[...] um conceito racionalista sobre a inspiração e a confiabilidade das Escrituras. Para ele só quando se eliminam os elementos temporais humanos e não-universais dos ensinamentos das Escrituras é possível chegar a ideias verdadeiramente inspiradas e

valiosas para a dogmática cristã (HOUSE, 2005, p.17).

A tese de Gabler teve implicações sérias na forma como ele olhava para o Antigo e Novo Testamentos, pois promove uma dicotomia irreconciliável presente no texto, a saber, que o texto contém a palavra de Deus, tanto quanto, contém a palavra dos homens. Para Gabler, quase nada do Antigo Testamento seria significativa por não ter princípios atemporais e ser mera noção humana, seu valor era meramente para estudo histórico de religião na academia. Além disso, seu esquema se recusava a tratar dos milagres em ambos os testamentos, pois estavam além dos sentidos humanos. Quanto ao Novo Testamento, é necessário uma cuidadosa exegese para determinar se o registro dos Apóstolos é divino, ou se deve ser atribuído à engenhosidade humana (HOUSE, 2005, p.17). Por fim, uma grande quantidade de documentos de ambos os testamentos são colocados sob suspeição, por serem considerados de natureza sobrenatural, ou por não terem caráter atemporal, ou então, são considerados como mito ou lenda.

Ao que tudo indica Gabler pavimentou a estrada para as afirmações posteriores de Julius Wellhausen que veio a ser conhecido como o pai da Hipótese Documentária (TORREY, 2005, p.51). É pelo poder da tese de Welhausen que nesta

época é decretado a morte da Teologia do Antigo Testamento e o triunfo da Escola de História da Religião (*Religionsgeschichteschule*) (SMITH, 2001, p.33).

A tese que fundamenta os trabalhos de Wellhausen pode ser descrita de uma perspectiva Darwinista. Para ele todas as coisas se movem do simples para o complexo e da liberdade para o autoritarismo (SMITH, 2001, p.33), neste caso, de acordo com a tese de Wellhausen o Antigo Testamento é uma coleção de materiais de períodos neutros e consistem simplesmente de reflexões israelitas de muitas religiões pagãs diferentes, dada a sua similaridade com outras grandes religiões mundiais o Antigo Testamento era postulado como uma evolução da religião natural animista até o ápice monoteísta (ENNS, 2014, pg.29). MCDOWELL desenvolve esta teoria como um fruto de sua época da seguinte forma:

Uma compreensão evolutiva da história e uma visão antropocêntrica da religião dominaram o século XIX. Os pensadores predominantes viram a religião como destituída de qualquer intervenção divina, explicando-a como um desenvolvimento natural produzido pelas necessidades subjetivas do homem. O seu veredicto era que a religião hebraica, junto com as religiões vizinhas, certamente deve ter começado com o animismo e então evoluído pelas fases de polidemonismo, politeísmo, henoteísmo e,

finalmente, do monoteísmo (MCDOWELL, 2006, p.161).

Não só a religião de Israel pertencia a um processo evolutivo, como também os registros do Pentateuco e boa parte do Antigo Testamento foram compostos por volta do séc. X na Babilônia a partir de um olhar retrospectivo da tradição de Israel (MCDOWELL, 2006, p.161). De acordo com a teoria de Wellhausen o Pentateuco consiste de quatro documentos de autores diferentes dos quais Moisés lançou mão para composição dos primeiros livros. Estes documentos são (J) o Javista, (E) o Eloísta, (D) o Deuteronomista e (P *Priest* ou S *Sacerdotal*) os documentos do Código Sacerdotal (MCDOWELL, 2006, p.157).

Outro postulado importante da Escola de Wellhausen é que os profetas do Antigo Testamento viveram antes da entrega da Lei, e não depois como está no relato bíblico, pois os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis mostram pouco conhecimento das leis descritas do Pentateuco (SMITH,2001, p.33). Livingston resume os postulados dos adeptos da escola de Hipótese Documentária da seguinte forma:

A autoria mosaica para o pentateuco é rejeitada, ficando apenas pequenas partes do Pentateuco atribuídas ao período mosaico; para muitos dos estudiosos (...) os homens e mulheres do Pentateuco

não foram seres humanos reais – na melhor das hipóteses eles eram heróis idealizados; o Pentateuco não nos mostra uma verdadeira história dos tempos antigos, em vez disso, ele reflete a história do reino dividido durante a primeira parte do período pós-exílio; nenhuma das pessoas do Pentateuco era monoteísta, e foram os sacerdotes pós-exílio que as fizeram parecer crentes num único Deus; Deus nunca falou a qualquer indivíduo nos tempos antigos, mas, novamente, foi o trabalho dos sacerdotes que causou essa impressão; pouco das leis do Pentateuco se originou antes do período monárquico; poucas práticas de culto registradas no Pentateuco são também dessa época, e muitas são pós-exílicas; os primeiros israelitas nunca tiveram um tabernáculo como descrito no Êxodo; todas as afirmações no Pentateuco de que Deus agiu redentora e milagrosamente em favor de Israel são falsas; qualquer concepção de que a atual unidade estrutural dos cinco livros originou-se de Moisés é falsa (MCDOWELL, 2006, p.158).

Não é apenas a autoria e a compilação do Pentateuco que é colocada sob suspeição, mas o restante do Antigo Testamento recebe o mesmo tratamento. Os Salmos são da época dos Macabeus, o livro do profeta Isaías possui três autores diferentes e Daniel é apenas um pseudônimo de uma obra escrita na época de Antíoco Epifânes (TORREY, 2005, pg.51). Pouco a pouco na história de Israel e a força do Antigo Testamento vai perdendo espaço e importância até a

publicação da obra de G. Von Rad em 1957 que se esforça para dar novos rumos a Teologia do Antigo Testamento.

Von Rad cria que o Antigo Testamento narra os atos salvíficos de Deus na história, é esta convicção de que o ajuda a defender a validade do Antigo Testamento para a igreja, uma abordagem diferente dos seus predecessores. Entretanto, no que se refere a história de Israel, assumiu uma postura crítica, pois segundo ele era impossível determinar os aspectos históricos básicos do Hexateuco (HOUSE, 2005, p.43). Para Von Rad há uma brecha entre o que se pode afirmar como acontecido e o que Israel veio a reconhecer e registrar, e assim, o Antigo Testamento é um processo de reinterpretção da tradição. Neste aspecto, Von Rad olha para o Pentateuco com o mesmo olhar dos seus predecessores, como uma tradição já bem desenvolvida da história da salvação e do registro da resposta de Israel a essa história salvífica (BRIAN, 2009, p.122).

Von Rad apresenta sua própria conclusão quanto aos estudos da história de Israel, afirmando que:

[...] nos últimos 150 anos a erudição histórico-crítica construiu um quadro impressionantemente completo da história do povo de Israel. À medida que esse processo se desenrolou, o velho quadro da história de Israel, o qual a igreja tinha formado e aceitado com base no AT, foi destruído pouco a pouco. Não há retorno nesse processo, nem ele

chegou ao fim. A erudição histórico-crítica considera impossível que todo o Israel estivesse presente no Sinai ou que Israel tivesse atravessado o mar Vermelho e conquistado Canaã de uma só vez — para ela o quadro de Moisés e sua liderança, baseado nas tradições do livro do Êxodo, é tão anistórico quanto a função atribuída aos ‘juizes’ pelo livro deuteronomístico de Juizes (HOUSE, 2005, p.42).

Assim como seus predecessores, Von Rad afirma a existência de duas histórias diferentes de Israel, aquela que realmente aconteceu, que é atual e que foi descoberta pelos métodos científicos de historiografia empregados pela Escola Crítica e, a estória que se declara ter acontecido, a história da tradição (*Fé*), moldada pela reinterpretação Israelita de um redator judeu, possivelmente um sacerdote que estava exilado na Babilônia (HASEL, 1987, p.42). Em Von Rad, a história confiável e a teologia histórica confiável são dicotômicas e irreconciliáveis, pois o redator não foi um mero transmissor do depósito sagrado, ele foi um autor que amoldou o material veterotestamentário de acordo com a sua teologia e as circunstâncias temporais. Não seria de estranhar que a tarefa de muitos adeptos da Hipótese Documentária, inclusive a de Von Rad, passou a ser descobrir a teologia do redator e não a teologia do texto:

Foi Gerhard von Rad, no seu comentário de Gênesis, quem defendeu de forma mais influente a abordagem do Velho Testamento do ponto de vista da teologia dos redatores que o formaram. Nesta obra, von Rad procura sempre ir além da mera reconstrução dos estágios iniciais no processo de formação dos textos bíblicos, e escutar o redator, perguntando de que maneira ele tentou que lêssemos o texto final, e o que estava tentando nos dizer (FIDES REFORMATA, 2018, sem paginação).

Os adeptos da Escola da Hipótese Documentária acabaram por diluir a verdadeira história de Israel e a relegar o Antigo Testamento ao ostracismo ao afirmar que ela está repleta de experiências históricas primitivas, lendas, mitos e histórias cercadas de anacronismos (HASEL, 1987, p.42). O que há na história de Israel que apoie a reconstrução oferecida por esta Escola de interpretação?

2. A RESPOSTA ORTODOXA À TEORIA CRÍTICA

Absolutamente nada na história de Israel oferece apoio à reconstrução oferecida pela Hipótese Documentária. Muitas das teorias formuladas por esta escola da alta crítica pertencem a homens com uma forte inclinação em negar o sobrenatural e que extrapolam conjecturas a respeito da tradição histórica de Israel. Isso por si só, compromete as

conclusões de seus estudos em uma área onde as bases se firmam por meio e através da revelação sobrenatural (TORREY, 2005, pg.51). Por conseguinte, nota-se uma visão bastante otimista da ciência historiográfica, ela acabou sendo colocada por alguns céticos acima da autoridade do próprio documento. Para Goldsworthy, se a Bíblia contém uma mescla de verdade e erro, então a base para identificar o que nela é verdadeiro passa a ser uma autoridade mais elevada do que a própria Escritura (GOLDSWORTHY, 2018, p.28).

Talvez a crítica mais severa que se possa dirigir a esta escola da alta crítica é que ao longo do tempo seu método se mostrou anticientífico devido ao seu distanciamento das progressivas descobertas da arqueologia, pois muitas destas descobertas colocaram em xeque inúmeros postulados. Harrison reconhece que as conclusões da escola de Wellhausen seriam muito diferentes se não houvesse um distanciamento da arqueologia para a conclusão da formação do Pentateuco, e principalmente, se ele tivesse subordinado os seus postulados às evidências disponíveis na época. Harrison faz menção à uma proposital negligência cometida por Wellhausen afirmando que ele tinha algum conhecimento do progresso da filologia e da arqueologia, porém, optou por não rever seus postulados contando quase que exclusivamente com seu próprio arcabouço de conhecimentos da tradição hebraica. A. H. Sayce faz coro às afirmações de Harrison ao

afirmar que o progresso da arqueologia coloca em descrédito muitos dos postulados da escola de Wellhausen, visto que muitos “eventos e personagens, que eram confiantemente aceitos como míticos, revelam-se, no entanto, históricos” (MCDOWELL, 2006, p.160). R. de Vaux engrossa as fileiras ao afirmar que Abraão, Isaque e Jacó foram indivíduos históricos (BAKER; ARNOLD, 2017, p.118).

Inicialmente deve ser considerada a tese da evolução religiosa de Israel postulada pela escola de Wellhausen. VAUX (2003, p. 463-484) depois de dedicar dois capítulos do seu livro instituições de Israel no Antigo Testamento analisando a história, origem e a evolução dos sacrifícios em Israel, quase que invariavelmente conclui que eles são muito diferentes daqueles realizados por seus vizinhos mais próximos e, quando há algum tipo de aproximação ritualística o nível de dados são muito pobres e inconclusivos. Portanto, afirmar que a religião de Israel e os elementos de culto se baseiam na reflexão de muitas religiões pagãs diferentes estão firmados em bases de prova duvidosa.

W. F. Albright¹ tem sido considerado um dos maiores arqueólogos bíblicos do mundo, tem forçado muitos críticos através dos seus trabalhos arqueológicos a reavaliar muitas

¹ W. F. Albright, professor de línguas semitas da cátedra W. W. Spence, na Universidade John Hopkins, de 1929 – 1958, e diretor da American Schools of Oriental Research, em Jerusalém.

das conclusões antigas quanto a história de Israel. Albright diz que infelizmente os princípios desenvolvidos por Wellhausen tem pouco valor na história interpretativa, pois trata-se de um método ultrapassado, desenvolvido nos primórdios da arqueologia. Além disso, em relação a tese de evolução da religião de Israel, Albright afirma com base em achados arqueológicos no Egito, Babilônia, Síria e Canã que é precisamente na era mosaica que se encontra a abordagem mais próxima do monoteísmo, alguns deles antes do período persa. Para Waltke e Ronald Youngblood não pode ser provado que existe uma tendência religiosa universal para reduzir gradualmente o número de divindades adoradas até se chegar ao monoteísmo. MCDOWELL (2006, p.162) afirma que na verdade, as evidências apontam para um movimento de degeneração, do monoteísmo para o politeísmo, ou seja, um movimento contrário ao proposto pela escola de Wellhausen.

Agora, quanto a tese do desenvolvimento tardio do Pentateuco formulada pela escola de Hipótese Documentária, geralmente o ponto crucial que se levanta questiona o código de lei moral muito avançado para um período tão primitivo como o de Moisés, em outras ocasiões se assume a afirmação de Jean Astruc, que existe falta de padrão para os nomes de Deus no Pentateuco (ARCHER, 1986, p.466). Seja como for, pela falta de unidade nas diversas afirmações que existem

neste campo para a desconstrução da autoria mosaica do Pentateuco, as atenções devem se voltar para o que é mais comum dentro da escola de Wellhausen.

Muitas descobertas arqueológicas têm desencorajado de forma veemente a tese de que o complexo código de leis do Pentateuco era muito avançado para a época de Moisés. Millar Burrows afirma que os padrões apresentados pelos antigos códigos de lei dos Babilônicos, Assírios, Hititas e algumas literaturas primitivas do Egito têm sido fundamentais para refutar esta tese. Além disso, Archer e J. P. Free afirmam que existem descobertas arqueológicas posteriores as teses da escola da hipótese documentária que mostram que as leis encontradas no Pentateuco também existiam em outras civilizações mais antigas. Seriam eles o Código Legal de Eshnunna, o código de Hamurabi e, por fim, as tábuas de Ras Shamra, alguns deles datando de épocas anteriores à Moisés (MCDOWELL, 2006, p.163).

Outro ponto que reforça a autoria Mosaica para o Pentateuco são as novas descobertas arqueológicas no Antigo Oriente que datam da Idade do Bronze, 3000-1200 a.C, um período patriarcal pré-mosaico (BAKER; ARNOLD, 2017, p.64). Albright diz que as descobertas apontam para escritas tão antigas que até mesmo a transmissão das tradições de Israel não precisam necessariamente ter acontecido oralmente:

Sabe-se que no mínimo cinco tipos de escrita estiveram em uso: os hieróglifos egípcios, utilizados pelos cananeus para nomes próprios e de lugares; os caracteres cuneiformes acadianos; o silabário hieroglífico fenício, usado no século XXIII a.C, ou antes (conforme é conhecido desde 1935); o alfabeto linear do Sinai, no qual, descobriu-se agora, três inscrições são da Palestina (tal escrita parece ser a predecessora direta da nossa atual); o alfabeto cuneiforme de Ugarit (também usado um pouco mais tarde na Palestina), cuja descoberta se deu em 1929. Isso significa que as tradições históricas hebraicas não precisam ter sido legadas apenas por transmissão oral (MCDOWELL, 2006, p.165).

Além das diversas evidências externas fornecidas pela arqueologia, o próprio Pentateuco e outros livros da Sagrada Escritura carregam evidências internas da autoria Mosaica e de uma intensa atividade literária de Moisés². Além disso, tudo indica que Moisés tinha vasta capacidade intelectual que foi herdada dos próprios egípcios (cf. Atos 7.22), tais capacidades estão evidenciadas na história universal e em

² Êxodo 12.1-28, 17.14, 20.22-23, 20-24, 25-31, 33-34, 34.10-26; Números 1, 2, 4, 6.1-21, 8.1-4, 8.5-22, 15, 19, 27.6-23, 28.29, 30, 33.2, 35; Levítico 1-7, 8, 13, 16, 17-26, 27; Deuteronômio 1-33, 31.9, 19, 24-26; Josué 1.7, 8, 8.31, 32, 34, 23.6; I Reis 2.3; II Reis 14.6, 23.25; I Crônicas 22.13; II Crônicas 5.10, 23.18, 25.4, 30.16, 33.8, 34.14, 35.12; Esdras 3.2, 6.18, 7.6; Neemias 1.7, 8, 8.1, 14, 9.14, 10.29, 13.1; Daniel 9.11, 13; Malaquias 4.4.

descobertas arqueológicas que remontam várias áreas do conhecimento.

O professor George F. Wright cita uma característica notável no Pentateuco que no mínimo coloca muita dificuldade para a teoria moderna de composição oferecida pela teoria da Hipótese Documentária (JEDP ou S) e, por conseguinte, reforça a autoria mosaica. A ausência do nome Jerusalém no Pentateuco e a menção de Betel, Hebrom e outros locais de culto. Ao mencionar Betel e Hebrom fica evidente que os patriarcas ofereceram culto nestes locais e em Jerusalém não. Entretanto, era de se esperar que, segundo a teoria da Hipótese Documentária Jerusalém ganhasse evidência no Pentateuco, uma vez que do ponto de vista da alta crítica o Deuteronomio foi escrito em um período tardio com o propósito de estabelecer a centralidade de Jerusalém como local de culto (KAISER, 2011, p.101). A conclusão inevitável a que se chega é que Jerusalém não estava em evidência na história de Israel (TORREY, 2005, p.27).

Quanto ao uso seletivo para os nomes de Deus, Umberto Cassuto estudioso judeu e antigo professor da Universidade Hebraica, observou a existência de um padrão adotado pelo autor na utilização dos nomes de Deus, para Cassuto este padrão é mais do que coincidência, pois “O nome ELOHIM aparece 33 vezes nos primeiros 34 versículos do Gênesis. É seguido por JEOVÁ (YHWH) ELOHIM, 20 vezes

nos próximos 45 versículos e, finalmente, por JEOVÁ (YHWH), 10 vezes nos 25 versículos seguintes”. Cassuto apresenta as regras composta na tabela a seguir como uma explicação para o uso de nomes divinos. Algumas vezes, naturalmente, ocorre que duas regras opostas se apliquem ao mesmo tempo, neste caso, prevalece a regra que for mais essencial ao sentido primário da passagem em questão (MCDOWELL, 2006, p.173).

YHWH	ELOHIM
<p>1 Quando o texto reflete a concepção israelita de Deus, encarnado tradicionalmente na figura YHWH e encontra expressão nos atributos designados a Ele por Israel, particularmente no seu caráter.</p>	<p>Quando a passagem implica na ideia abstrata de Divindade prevaemente nos círculos internacionais dos “homens sábios” – Deus concebido como o Criador do universo físico, como o Soberano da natureza, como a fonte da vida.</p>
<p>2 Quando a expressão é dada para a noção intuitiva direta de Deus, que caracteriza a fé absoluta do</p>	<p>Quando se quer transmitir os conceitos dos pensadores que meditam sobre os grandes</p>

	povo ou fervor do espírito profético.	problemas ligados a existência do mundo e da humanidade.
3	Quando o contexto e os atributos Divinos em termos relativamente compreensíveis e, de certo modo, palpáveis, um claro retrato sendo transmitido.	Quando o retrato é mais geral, superficial e nebuloso, dando a impressão de obscuridade.
4	Quando a Torá procura despertar na alma do leitor ou do ouvinte o sentimento de sublimidade da presença Divina em toda sua majestade e glória.	Quando se deseja mencionar Deus de uma maneira comum ou quando a expressão ou pensamento não pode, sem reverência, ser associado diretamente com o nome mais Sagrado.
5	Quando Deus nos é apresentado no seu caráter pessoal e em relação direta com as pessoas ou a natureza.	Quando a Divindade é referida como um Ser Transcendental que existe completamente externo e superior ao universo físico.

6	Quando se refere ao Deus de Israel em relação ao seu povo ou seus antepassados.	Quando é mencionado em relação àquele que não é um membro do povo Escolhido.
7	Quando o tema diz respeito a tradição de Israel.	Quando o assunto diz respeito à tradição universal.

FONTE: MCDOWELL, 2006, p.174

Outra proposta de distinção para os nomes de Deus presente no Pentateuco também é feita por Archer e, pode complementar a proposta inicial de Cassuto. Archer afirma que um estudo cuidadoso da aplicação dos nomes pode revelar a intenção do autor. Neste caso, sempre que as passagens estiverem diretamente relacionadas com poder de criação o nome Elohim é apropriado (cf. Gênesis 1), enquanto o nome YHWH é mais apropriado para um compromisso pactual com os eleitos (cf. Gênesis 2); porém, quando o relacionamento não é pactual, como no caso da serpente o nome retorna para Elohim (MCDOWELL, 2006, p.176).

Portanto, tanto a proposta de reconstrução da história de Israel quanto a base na qual a autoria do Pentateuco é questionada são bastante sensíveis, visto que descartam por completo informações prestadas pela arqueologia e o

testemunho documental de Israel valendo-se de conjecturas, preconceitos, subjetivismos e conceitos muitas vezes anticientíficos em suas afirmações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoria do Pentateuco é uma discussão antiga e ao que tudo indica ficou mais acirrada com a distinção entre Teologia Bíblica e Dogmática proposta por Gabler em 1787. Além disso, esta é uma discussão bem mais tardia na história do Antigo Testamento. Portanto, este artigo não pretende ser a palavra final, muito menos esgotar este vasto assunto.

O objetivo principal foi mostrar que a tese formulada pela hipótese documentária que enquadra o Pentateuco como uma compilação tardia e não sento de autoria mosaica, mostrou-se uma tese anticientífica, pois a medida que as descobertas arqueológicas e filológicas evoluíram o método se manteve inalterado quanto à algumas de suas antigas proposições. A partir das discussões de diversos teóricos do Antigo Testamento ficou claro que a Hipótese Documentária não prova a compilação tardia e, por conseguinte, a não autoria de Moisés.

Adotar os pressupostos da escola de Wellhausen é anular a credibilidade da Sagrada Escritura e aceitar que ela é

um embuste, obra do gênio humano cheia de mitos e lendas, por fim, um livro como qualquer outro cheio de estórias. Por fim, “rejeitar a autoria de Moisés é rejeitar o testemunho universal dos escritores bíblicos e solapar a credibilidade do Pentateuco e do resto da Bíblia. É da autoria de Moisés, e não apenas um ‘mosaico’ de diferentes culturas” (ELISSEN, 1996, p.13). É negar a revelação, a inspiração, a encarnação e os milagres. Aqui está a importância prática para o cristão saber que o Pentateuco é da autoria de Moisés.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Gleason L. **Merece Confiança o Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA Sagrada. **Nova Almeida Atualizada (NAA)**. São Paulo: SBB, 2019.

BRIAN, T Desmond Alexander. **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.

BAKER, David W.; Arnold, Bill T. **Faces do Antigo Testamento: um exame das pesquisas recentes**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

ELISSEN, Stanley A. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1996.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**, São Paulo: Batista Regular, 2014

GOLDSWORTHY, Graeme. **Introdução à teologia bíblica: O desenvolvimento do evangelho em toda a Escritura**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.

HASEL, Gerhard F. **Teologia Do Antigo Testamento: Questões fundamentais no debate atual**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1987.

HODGE, A. A. **Confissão de Fé de Westminster Comentada**. São Paulo: Os Puritanos, 2013.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005.

KAISER, Walter C., Jr. **Teologia Bíblia do Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2011.

LEON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

MCDOWELL, Josh. **Respostas Convincentes**. São Paulo: Hagnos, 2006.

SMITH, Ralf L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

TORREY, R. A. **Os Fundamentos**. São Paulo: Hagnos, 2005.

VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.

FIDES REFORMATATA X, Nº1 (2005): 115-138: O Dilema do Método Histórico Crítico na Interpretação Bíblica. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/6-O-dilema-do-m%C3%A9todo-hist%C3%B3rico-cr%C3%ADtico-na-interpreta%C3%A7%C3%A3o-b%C3%ADblica-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf>. Acesso em: 18 de mai. 2020.